

**DIALETO RURAL NO VALE DO JEQUITINHONHA:
GLOSSÁRIO DO LÉXICO RURAL NA
REGIÃO DAS MINAS NOVAS.**

Maryelle Joelma Cordeiro (UFMG)

maryellecordeiro@gmail.com

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG)

maryelle@corsoazzurra.com

1 Introdução

Nos últimos tempos tem se notado um desenvolvimento muito grande nos estudos científicos que abordam questões relacionadas à variedade linguística e ao diversos níveis que a linguagem apresenta.

De maneira geral, tais pesquisas buscam mostrar as relações existentes entre língua/sociedade e entre língua/cultura, procurando dessa maneira observar os fatores extralinguísticos que influenciam o fenômeno da variação e diversidade linguística.

Os estudos lexicográficos são uma linha de pesquisa que tem chamado a atenção dos estudiosos e pesquisadores exatamente devido ao fato de relacionar a língua com a cultura.

[...] Sabemos que a língua esta intimamente relacionada com a cultura de um povo e por meio dela que todo o conhecimento, valores e crenças adquiridas ao longo do tempo são transmitidos de geração a geração. É por meio do léxico que os traços culturais de um povo mais se evidenciam. (SOUZA, 2008, p. 13)

Entre os elementos que constituem a língua, o léxico é o que mais reflete as mudanças e variações linguísticas, devido ao seu papel de dar nomes, identificar, caracterizar pessoas, locais, sentimentos, sensações. Todos esses fatores tornam o acervo lexical um reflexo das transformações socioculturais de uma população e também fazem parte de uma categoria aberta a criações e inovações do vocabulário, nos mais diferentes registros linguísticos. “É por fazer parte do universo social que, diferentemente da gramática da língua, o léxico é um sistema aberto e em expansão, impossível de cristalizar-se, a não ser que a língua morra.” (SOUZA, 2008, p. 21).

Já Biderman acredita ser o léxico toda a experiência acumulada de um povo durante a sua existência.

Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa mesma sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua. (BIDERMAN, 1978, p. 139).

Esse trabalho tem por objetivo apresentar um glossário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha, mais especificamente do dialeto presente na região denominada pelo termo das Minas Novas.

O corpus deste glossário é constituído de palavras e expressões que fazem parte do dialeto local e são recorrentes no falar daquela população. É o resultado de entrevistas realizadas com falantes de ambos os sexos, com idade acima de 70 anos.

Para a realização desse trabalho foram selecionados 50 termos que abrangem os mais variados campos lexicais. A transcrição das entrevistas foi feita seguindo-se a metodologia utilizada pelo projeto “Pelas trilhas de Minas: As bandeiras e a língua das Gerais”.

Pretende-se dessa maneira apresentar um glossário com termos de diferentes categorias sintáticas agrupados em diferentes campos lexicais, a saber:

- 1) Termos ligados ao cultivo da lavoura e ao trabalho na roça
- 2) Termos relacionados à caça, à pesca e a criação de animais.
- 3) Termos da culinária.
- 4) Termos de uso geral e aqueles relacionados à sociedade.

1.1. Abreviaturas usadas no glossário

adj. – adjetivo	loc. adj. - locução adjetiva
s. m. - substantivo masculino	s. f. - substantivo feminino
vb. – verbo	inf. - informante

2 Termo das Minas Novas – História e ocupação da região

Minas Novas foi fundada em 19 de Junho de 1727, pelo bandeirante paulista Sebastião Leme do Prado.

Leme do Prado e outros bandeirantes fugindo de uma epidemia na região do Rio Manso seguia rumo ao norte, atravessando o Araçuaí e o Itamarandiba, quando desviou sua bandeira à procura do rio Fanado. Durante muitos dias tentou encontrar ouro nas areias do rio, sem sucesso. Em 29 de junho de 1727, ele e seus companheiros chegaram as margens de um ribeirão, onde encontraram ouro em grande quantidade. Pouco depois, o ribeirão recebeu o nome de Bom Sucesso. Ao povoado que ali se formou foi dado o nome de *Arraial Das Lavras Novas Dos Campos De São Pedro Do Fanado*. Um ano e meio depois de iniciada a fundação do arraial já se encontrava na região de quarenta mil pessoas vindas de Salvador, do Sertão e também uma grande quantidade de negros.

Após a descoberta, Sebastião Leme do Prado desejou informar das novas minas ao governo da Capitania de Minas Gerais, mas alguns bandeirantes paulistas, chefes de bando de criminosos que dominavam o sertão da Bahia, obrigaram-no a avisar a descoberta das minas ao governo da Bahia.

O então governador de Minas, D. Lourenço de Almeida, por ordens do rei de Portugal determinou, em 20 de maio de 1729, que o novo arraial ficasse sob a jurisdição da Bahia. Em 21 de maio de 1729, determinou a criação da *Vila de Nossa Senhora do Rosário do Bonsucesso de Minas Novas do Araçuaí*.

Em 1736, foi criada a Intendência do Ouro na vila. Nessa época era muito comum o aparecimento e o desvio de diamantes na região. Por causa desses acontecimentos, foi concedido, em 10 de maio de 1757, alvará que incorporava novamente a vila à Capitania de Minas Gerais, que ficara então sob a jurisdição do Ouvidor da Comarca do Serro Frio, mas ainda eclesiasticamente ligada à Diocese de Jacobina, da Bahia. Em nove de março de 1840, através de uma provincial foi elevada a categoria de município com o nome de *Minas Novas*.

3 Glossário

AI ESTAR vb. Correspondente a interjeição “ai ai ai”.

Mas você ainda não é casada menina? **Ai estar!** Eu te vi com o seu namoradim e achei que você já tava era casada. (Inf. 13)

BARRÃO s. m. Porco sem castrar.

Eu pegava a faca metia no **barrão** e num instatim tava capado. (Inf. 10)

Pai capava cada barrão. Cada **barrão** menina e depois que o dono matava ele ai dava pra nós um pedaço de carne. (Inf. 13)

BARRILEIRO s. m. Cesto feito com taquaras, para colocar cinzas, na fabricação do sabão.

[...] **barrilero** é pra poder fazê sabão pinga-pinga, diquada. (Inf. 4)

BIMBARRA s. f. Vasilhame usado para colocar cachaça.

Aquele negócio de pô cachaça é **bimbarra**. (Inf. 4)

BINGA s. m. Espécie de isqueiro rústico feito de chifre.

[...] eu acendia o fogo com o **binga** né, um isquerim véio, e colocava a panela vazia, ai na hora que o armoço ficava pronto tinha que chamá era um dos camarada [...] eu num dava conta de tirá aqueles panelão de comida do fogo, eu era menina né? (Inf. 6)

BOBOTÔ s. m. Cabrito sem castrar.

[...] **Bobotô** se sabe o que qui é né? Seu pai criava cabra [...] (Inf. 13)

CABORJE s. m. Bolsa feita de couro de vaca usada para transportar coisas.

Naquele tempo num tinha essas borsa bonita igual as de hoje não pra carregá as coisas. Nós levava marmita era no **caborje** e os cadernos pra ir pra escola mãe fazia uns embornalzim de pano. (Inf. 5)

CAMARADA s. m. Trabalhador temporário em propriedade rural.

[...] tinha **camarada** mexeno no ingenho [...] (Inf. 7)

CAMBUIM s. m. Fruta comestível de tamanho pequeno e cor avermelhada.

[...] aquela manga de Luís alí, na berada do cóigo, era cheia de pé de **cambuim**, tudo vermeim [...] (Inf. 6)

CARNEIRA s. f. Laje colocada sobre sepultura. Lápide.

A história que eu sei conta pr'ocê é a história do bicho da **carneira**. (Inf. 5)

CATRE s. m. cama alternativa ou sobressalente, ger. dobrável, portátil, ou us. em viagem.

[...] pra levá os doente levava era na cama, feita de pau, **catre**. E tinha de todo tipo outra hora fazia aquele toco de esquife. (Inf. 13)

COCÁ s. m. Galinha d'angola.

Tinha um quintal grande lá em casa que pai criava cachorro, criava gato, criava porco, criava galinha, **cocá**. (Inf. 7)

COIÓ s. m. Armação composta por duas varetas cruzadas e recobertas por um papel fino, formando um losango que contém em uma das pontas uma linha que facilita sua estabilidade quando posta em movimento para planar. PIPA.

[...] ais veiz quando tava ventando muito os menino pegava um saco plástico amarrava numas varetas e subia lá no alto do morro pra soltar **coió**. (Inf. 4)

CORNICHA s. m. Recipiente feito de madeira usado para guardar rapé.

[...] aí pra conservá o rapé você tem que guarda é na **curnicha**. A **curnicha** é miudinha, sabe? (Inf. 4)

CORTAR/ENTRAR NA TACA vb. Bater ou apanhar de alguém.

Papai num gostava que nós areasse os dente não. Falava que era falta de serviço e se nós ficasse brincando na hora de ir pra roçar nós **entrava na taca**. Era duro viu. (Inf. 4)

DE BORRA loc. adj. Como é chamada, na escola, a classe em que os alunos têm dificuldade de aprendizagem ou são repetentes.

[...] quando a professora me passou pro primeiro ano **de borra** ieu num quis mais ir pra escola não. (Inf. 8)

DENTE DE CÃO s. m. Cristal bruto.

[...] faz a cata e vai no fundo. Ela tá junto é com o cascalho né? Aquelas pedrona, **dente de cão**. (...) o ouro tira com bateia. Aí eu não pude mais tirá cascai deu um **dente de cãozão**. **Dente de cão** é um pedrão. (Inf. 4)

DEQUADA s. f. Água proveniente da queima de cinzas utilizada para fabricação de sabão caseiro.

Essa **diquada** cê leva pra lá e vai fazê o sabão, aquele sabão preto. (Inf. 4)

É PETA vb. Afirmação que não corresponde à verdade, feita com a intenção de enganar; MENTIRA.

A Cemig foi lá e falou que vão construir uma represa e que nós vai tê que saí, que vai alagá tudo. **É peta!** Já tá pra mais de 20 ano e até hoje nada. (Inf. 8)

EMBUCHADO adj. Que está cheio de buchas, de nós; EMBARÇADO.

Pra penteá o cabelo as vez assim quanto tá muito **embuchado** mãe passava era banha de galinha. Num tinha creme. (Inf. 9)

ENCHIRRIO s. m. Inflamação intestinal que causa dores abdominais, cólicas, e evacuação de fezes purulentas ou hemorrágicas.

[...] era difícil tinha que socorrê com os remedi da horta mesmo. As vez o menino dava uma dor de ouvido, uma febre, dava um **in-chirrio**, dor de barriga aquela caganeira que num passa [...] tinha que tocá era remedi da horta mesmo. (Inf. 8)

ENGROSSADO s. m. Sopa cremosa feita com fubá.

[...] comia era **engrossado**, angu e num tinha arroz todo dia não. (Inf. 7)

ESCALDADO s. m. Pirão que se faz pondo-se, sem mexer, caldo fervente de peixe ou carne sobre farinha de mandioca.

[...] a mulher ganhava o menino aí fazia um **escaldado** com um caldinho de carne ou frango caipira que era para ela sará logo... Num podia era só coisa, comidinha leve. (Inf. 13)

ESQUIFE s. m. 1. Espécie de cama de varas. 2. Caixaão de defunto.

[...] E tinha de todo tipo outra hora fazia aquele toco de **esquife**. (Inf. 13)

FELIPE s. m. Nome dado às frutas gêmeas.

A brincadeira era assim, s'ocê achasse uma fruta gêmea grudada na otra, cê pegava, iscundia e davá pr'aiguém. Na hora cá pessoa via, cê gritava - paga meu filipe!- e a pessoa tinha que pagá uma prenda. (Inf. 5)

JACUBA s. f. Bebida ou pirão preparado com água, farinha de mandioca e açúcar, às vezes temperado com cachaça.

[...] Na hora que os camarada tava sainu da roça, o às vez do inge-
nho, a gente preparava uma **jacuba** pra eis, antes deis imhora. (Inf. 7)

JAROBÁ s. f. Qualquer bebida cuja consistência esteja muito rala.
[...] Aceita um cafezim, fia? Tá muito bão não, tá igual uma **jaroba**. (Inf. 5)

JEQUI s. m. Cesto oblongo e afunilado, de varas finas e flexíveis,
para apanhar peixe.
[...] antigamente a gente fazia um trem assim de taquara e punha lá.
O peixe entrava, a gente ia e comia [...] Não, é **jequi** mesmo. (Inf. 8)

JIRAU s. m. Espécie de estrado de madeira que serve de depósito
no interior dos cômodos.
[...] e lá dentro tinha um **jirau** que era onde colocava os mantimen-
to, as vezes vasilha pra secá. (Inf. 7)

MACERONA s. f. Estágio intermediário do melado na fabricação
da rapadura.
[...] punha uma tachada, três quatro e faz uma **macerona**. (Inf. 4)

MANGA s. f. Pastagem cercada onde se guardam cavalos e bois.
Aquela caixa quem construiu foi Grigóri, mas aquilo ali é de Luís,
aquela **manga** ali. (Inf. 9)

MANZUÁ s. m. Armadilha usada para pegar tatu.
[...] e **manzuá** é aquela de pegá tatu. (Inf. 8)

MARIMBA s. f. 1. Abóbora verde; 2. Festa no final da colheita.
De verdura a gente comia as de hoje mesmo. Comia jiló, comia
maxixe, comia quiabo, **marimba** [...] (Inf. 8)

MAROTO s. m. Tipo de espinho encontrado em lavouras.
Olha aqui pro cê vê o **maroto** aqui dento do meu cotovelo. Eu caf
um dia mexenu na roça e isso entrô ai e nunca mais saiu. (Inf. 6)

MORCELA s. f. Espécie de chouriço que se faz com o sangue e al-
guns miúdos de porco.
[...] das tripa fazia é **mucela** de porco e linguiça. (Inf. 7)

MUQUIÇA s. f. Porcaria, coisa sem valor.
[...] Sá Ana de Zé Ajudante, que morava naquela casinha, ocê lem-
bra dela? Gostava de juntá umas **muquiça** véia, coitada. (Inf. 13)

NERA s. f. Camada fina.

[...] Sempre fica uma **nera** de terra por cima do açúcar [...] **Nera** quê dizê é o sinônimo, o pequeno como é que trata é o diminutivo, é uma camada de uma coisa. (Inf. 4)

PINHA s. m. Pedra bruta de cristal.

[...] Eu tirei essas pedra foi lá perto do sertão. Perto de Botumerim. [...] era pra eu fazê umas **pinha**. (Inf. 4)

PIRIÁ s. m. Nome comum dado a diversos pequenos roedores de corpo robusto, patas e orelhas curtas e cauda ausente.

[...] eles usava manzuá pra pegá **piriá** também. Ratim do mato parecem um cueim. (Inf. 8)

PITUBA s. f. Bolo feito com fubá, leite, açúcar, ovos que é assado na folha de bananeira.

[...] Mamãe fiava, fazia quitanda, fazia bolo, fazia biscoito, fazia **pituba**, biscoito de goma. (Inf. 7)

PRECATA s. f. Espécie de calçado cuja sola se ajusta ao pé por meio de tiras de couro, borracha ou algum tecido; ALPARGATA, ALPARCA; ALPARCATA; ALPERCATA; PERCATA.

[...] Quase que ninguém tinha sapato. A gente andava era quais só descalço. No máximo que tinha era uma **precata**. (Inf. 9)

QUICÉ s. m. Pessoa baixa e muito magra.

[...] Ela quando era pequena era magrinha, fraquinha, um **quicé** de menina, uma **quicezinha**. (Inf. 5)

QUIXOTA s. f. Planta usada para elaboração de chá para banho de assento.

[...] punha frecha, aquelas frecha virge sem usá, punha **quixota** e fazia o banho. (Inf. 3)

RESCALDO s. m. Bebida feita com cinza usada no tratamento da bronquite.

[...] Remédio tinha que tomá era da horta ou intão mandá trazê de Minas Nova. Mãe chiava e o remédio dele era **rescaldo** senão num tinha jeito. (Inf. 8)

RUDIA s. m. Pedaco de tecido enrolado em forma redonda que serve para proteger a cabeça no transporte de coisas sobre a mesma.

[...] e eu inchia o balaio de coisa da horta colocava a **rudia** na cabeça punha o balaio na cabeça e tocava pro comércio. Vendia tudo num instantim. (Inf. 8)

TABATINGA s. f. Argila mole, branca ou esbranquiçada para caiar e revestir paredes, muros etc. de construções populares.

A gente buscava tabatinga no mato e passava no chão. Ficava alvim. (Inf. 3)

TALABARDÃO s. m. Espécie de acolchoado colocado sob a sela ou a cangalha para não machucar os animais.

[...] meu pai mexia era com sola fazia cangaia, **talabardão**, chapéu embornal. (Inf. 13)

TALHA s. f. Recipiente bojudo, de cerâmica ou louça, semelhante a um vaso, para armazenar líquidos, cereais etc.

[...] Colocava aqui na butija de barro ou então na **talha** de barro e a água ficava fresquinha memo boa. (Inf. 7)

TOGÓ s. m. Lugar muito remoto, distante.

[...] cê num conhece Maria de Inês não? Era uma que trabaiô pra Joaquim de Zeca um tempo. Uma que morava num **togó** lá pros lado dos feixe. Longe uma três légua. (Inf. 13)

TRISCAR vb. Mexer-se, mover-se um pouco.

[...] ocê pega suas minina intrega pra uma casa de família e **trisca** fora para São Paulo. (Inf. 4)

4 Considerações finais

É notável a importância do léxico na cultura de um povo. Através dos estudos lexicais, ou seja, do estudo do vocabulário usado por cada um desses povos, é possível conhecer a identidade de uma determinada população. Isso se dá através da própria língua, sendo essa a proposta dos estudos lexicais: estudar a língua de uma determinada sociedade sem deixar de lado os elementos que estão intimamente ligados a ela, como a cultura e a identidade de um povo.

Nesse sentido, os estudos lexicais ajudam na conservação da memória de um povo através da língua ao preservar o que tem de mais particular e que o distinguirá de qualquer outro povo.

É através do léxico que a língua mostra as suas maiores particularidades, as especificidades de um determinado local. Conhecer o léxico de uma determinada região é a porta de entrada para conhecer a cultura, os costumes e as crenças daquele povo.

O estudo do léxico faz-se, dessa maneira, de extrema importância por ser a área da linguística que desempenha o papel de revelar aspectos culturais e sociais de um determinado povo.

Tais aspectos estão presentes na comunicação do dia-a-dia, seja através do ato de nomear, ou simplesmente na manutenção ou criação de um novo vocabulário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande (MS): UFMS, 1998.

<http://aulete.uol.com.br>. Acesso em 14/11/2009

<http://www.grandeminasnovas.hpg.com.br/historia/historia.htm>. Acesso em 19/08/2010

http://www.irape.com.br/area/municipios_interna.asp?PaginaID=1&MapaID=5. Acesso em 14/11/2009

OLIVEIRA, Sandra Ramos de. *Léxico, cultura, tradição e modernidade: um retrato sociolinguístico do Congado Montes-Clarense*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFU. Uberlândia, 2009.

SOUZA, Vander Lúcio de. *Caminho do boi, caminho do homem [manuscrito]: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2008.